

Testemunho de Adriano Facioli acerca da sua experiência nudista.

(postagem no Facebook, em 11.2.2017)

Há alguns anos tive algumas experiências com a prática do naturismo, as quais gostaria de relatar aqui, tecendo algumas reflexões a respeito.

Em 2002 conheci a Praia do Pinho, em Camboriú, Santa Catarina. Antes disso, eu havia somente caminhado por alguns quilômetros, praia adentro, sem roupa alguma, em Trancoso, no sul da Bahia, um ano antes. Depois da experiência em Trancoso, decidi que no ano seguinte eu iria à mais tradicional e antiga praia de naturismo do Brasil: a Praia do Pinho.

A preparação para este tipo de passeio e, desafio, costuma ser cercada de mitos, fantasias, ansiedade e curiosidade. Muita coisa geralmente ocorre nos arredores de nosso corpo quando ele está nu na presença de outras pessoas. Principalmente se forem várias outras pessoas. A nudez pública é um tabu. Nossos genitais são áreas sagradas, muito bem delimitadas e separadas do resto de nosso corpo quando o assunto é privacidade. Áreas totalmente privadas, completamente fechadas ao público. Impublicáveis, por definição. O que, por sua vez, não impede a prática de torná-las públicas. Sim, existe a publicidade da nudez. Esta, contudo, está restrita a espaços também muito bem delimitados.

Resumindo: genitais não desfilam por aí, sua aparição não está banalizada. Um genital aparecendo é sempre motivo de constrangimento e sinal de que algo muito sagrado socialmente foi violado. E o sujeito exposto é aquele que fica também exposto socialmente: exposto a hostilidades e sanções. Ficar nu é ficar desprotegido. E isso, em público, somente a urgência extrema ou o amor é que podem contornar.

Primeira coisa a fazer era planejar a viagem. Avaliar todas as possibilidades. Saber se de fato teríamos coragem de expor nossos frágeis corpos ao olhar público. Comecei então a freqüentar na internet os sites referentes à prática do naturismo. Uma das coisas que mais me tranquilizavam era ler o código de ética da Federação Brasileira de Naturismo. Não me darei ao trabalho de recortar o que minha memória pensa que leu por lá. Prefiro ficar com o auto-engano, se for o caso. Mas posso dizer que o tom todo do que eu lia nesse código me trazia muita segurança. Percebi que o esforço todo dos naturistas é o da promoção da aceitação de nossos corpos, com todas as suas possíveis “imperfeições” (entre aspas justamente pelo caráter valorativo do termo).

Boa parte do empenho dos naturistas é o de, justamente, naturalizar a nudez em público. Torná-la o mais espontânea e natural possível. E isso tudo feito também com a proposta de um código moral até bastante severo para com possíveis manifestações de hostilidade (velada ou não) e não-aceitação dos corpos nus dos outros. Há uma promoção constante de comportamentos que visem o não reparar nos corpos dos outros e não comentar pretensos “defeitos”. É uma escola constante de auto e hetero aceitação daquilo que é fonte de muitos bloqueios e traumas, de muito sentimento de inferioridade, os quais acabam apartando muitas pessoas de importantes convívios sociais e afetivos. E estes últimos, sabemos, costumam constituir boa parte de nosso bem-estar psicológico, de nossa saúde.

Conforme fui lendo a respeito do que era o naturismo, mais adquiria confiança para poder cometer a “loucura” de ser exposto, de se deixar mostrar, em toda a vulnerabilidade. Mas é, mesmo assim, sempre interessante relatar as sensações das primeiras experiências. Não sei se esta recomendação ainda permanece, mas àquela época o incentivo era o do naturismo em família tradicional. Ou seja: casais, com ou sem filhos. Homens desacompanhados não eram permitidos. Fui com minha companheira da época. Ficaríamos cinco dias em uma pousada, dentro da praia. Cinco dias sem ver roupa.

Chegamos à recepção, pegamos as chaves e, ainda vestidos, subimos para o quarto. No caminho, claro, cruzamos com algumas pessoas nuas. Entramos no quarto e guardamos nossas malas. O próximo passo era um pouco mais difícil. Queríamos respeitar as regras do local e pensamos: agora não podemos mais descer vestidos. Era isso o que parecia, pois no caminho havíamos cruzado somente com pessoas nuas. Não queríamos desrespeitá-las. Então nos despimos totalmente, respiramos fundo, abrimos a porta e descemos.

Nunca saltei de paraquedas, mas a sensação era a de bastante falta de algo, de onde se segurar, de referências, de anteparos que nos separássemos do mundo. A primeira sensação foi a de “queda livre”. “Orbitei” – sim, pois toda queda livre é, de certo modo, uma forma de entrar em órbita. O restaurante estava a uns 70 metros. Fomos caminhando, devagar, sentindo o vento e a presença das pessoas em nossas entranhas. O mundo me invadia pela pele, totalmente exposta. Menos separação entre eu e mundo. Menos barreiras de contato, logo maior o risco e inevitável a emoção do momento. Nesta pequena caminhada, cruzando com várias outras pessoas nuas, desfrutei, senti prazer. Era uma pequena aventura da qual me sentia capaz sem entrar em desespero. Mas eu me sentia também muito branco, sem cor impressa na pele, apesar de não ser o caso. Era um neófito do naturismo, saindo de sua casca do ovo. Um filhote totalmente frágil desta prática.

A chegada ao restaurante, contudo, foi meio frustrante e constrangedora. Um garçon alto, com cara de canastrão, e totalmente vestido, veio nos atender. Não sabíamos onde enfiar nossos branquelos órgãos genitais. Sentamos, e assim pudemos nos proteger melhor. Logo veio nossa refeição. Comemos, bebemos e observamos o que podíamos em volta: as pessoas no bar (a maioria totalmente nua) e a praia, pela janela, já em final de tarde. O clima era agradável, a sensação era de paz. A praia estava muito bonita com o sol já pedindo para se por ali por volta das cinco horas da tarde.

Descemos à praia e ali tudo já correu muito naturalmente. Estávamos totalmente nus, abraçados pela beleza do mar, do vento e da tranqüilidade das outras pessoas que também estavam nuas. Minha sensação era a de que eu havia chegado ao cume de uma montanha mágica. Aquilo era outro mundo, habitado por outros seres. A escalada havia valido a pena. Muita paz reinava em torno da minha nudez. Todos nus na companhia uns dos outros, e sem medo de ser hostilizado ou diminuído, faz parecer mesmo que estamos em outro mundo. É uma espécie de estado alterado de consciência, já que o mundo parece ter sido virado de cabeça pra baixo ou posto pelo avesso. A nudez é o avesso da indumentária.

Os corpos, em sua maioria, eram repletos de normalidade, ou seja, de “imperfeições”, de desenhos, texturas, cores, volumes e proporções, os quais não cumpriam os ideais de beleza propagados pelos meios de comunicação de massa e a moda. A minha sensação era a de que tantos corpos e genitálias nus produziam um mar vivo de peles aos olhos. Tudo muito mais vivo, vulnerável, animal. O corpo humano nu: retrato da fragilidade. A história de nossa espécie está inevitavelmente ligada às roupas. Elas surgem junto com a humanidade. Não possuem somente a função de resguardo moral. Também protegem fisicamente. Os órgãos sexuais humanos são muito expostos e frágeis. Roupas funcionam como proteção.

E se as roupas surgem juntamente com a humanidade, penso que o mais natural não é ficar nu. Pelo contrário, o mais natural é ficar vestido. Não há nada mais artificial do que ficar pelado, do que reunir pessoas para ficarem juntas e nuas. Porém, o que é ou não natural, é o que menos importa diante dos benefícios pessoais que tive ao fazer naturismo. Gostei e muito. E o que mais gostei foi de como me senti tranqüilo com meu corpo, com a minha nudez e das outros. Dividir fragilidades e imperfeições, aceitá-las, em si e nos outros, é uma experiência terapêutica, de libertação, de cultivo de auto-

estima. Há muito respeito em campos naturistas, por si e pelos outros. A nudez humana é fragilizante. Isso naturalmente impõe o respeito.

Os corpos são diferentes, mas a minha impressão é de que, nus, esta diferença fica menos ressaltada. Veja por exemplo o caso dos biquínis. Seu corte, de modo geral, ressalta os glúteos. A totalidade corporal se perde no assombro dessa faixa pequena, dessa parte, sobre a qual impera uma guerra sem fim. Segundo as leis da Psicologia da Gestalt, podemos dizer que a visão de corpos nus impõe uma outra percepção, a de uma totalidade do seguimento da pele, a qual ultrapassa a moldura de biquínis, maiôs e calções de banho. Estes últimos impõem uma óptica do detalhe filtrado culturalmente. O nudismo, por sua vez, impõe a óptica da totalidade e da expressão surpreendente e animalésca das genitálias. Sim, sua exposição bota por terra os padrões que antes eram tão cultuados. Um glúteo perfeito pode deixar de ter expressão ou sentido diante da exposição abrupta de uma vulva ou mamilos e seios inesperados.

E os naturistas, obviamente, também têm seus tabus. A maioria jamais reconhecerá que a excitação sexual existe e desempenha papel relevante em sua prática. Lembro de algumas conversas que tive com alguns deles. Muitos diziam que praticavam o naturismo em função da sensação de liberdade (geralmente liberdade física) de estar mais leve sem roupas, pois elas não seriam naturais, já que “ninguém nasceu vestido”e, portanto, não seriam saudáveis. Alguns chegavam inclusive a argumentar, por exemplo, que roupas prendiam a circulação sanguínea.

Eu não deixava de perguntar: “O fato de estar sem roupa em meio a tantas pessoas sem roupa não lhe desperta qualquer tipo de excitação sexual? Ver pessoas sem roupa, e muitas, possuidoras de atributos sexuais, também não é prazeroso?”. A maioria das respostas era negativa. Gostavam de ressaltar que este componente praticamente inexistia. Salientavam a liberdade e o prazer de sentir a água do mar, o sol e o vento no corpo todo. Não tenho dúvidas, isso também pode ser muito prazeroso. Mas aí me surgia uma outra pergunta: “Então por que não fazer isso somente em meio a pessoas íntimas ou em uma praia deserta, por exemplo? Se você fosse cego, viria aqui expor-se nu em meio a estranhos? Não há prazer em ver e mostrar os genitais publicamente? E este prazer, o qual vocês relatam, não possui qualquer componente sexual?”. Alguns sofisticavam sua argumentação, outros nem disso eram capazes. Os primeiros iam além: “Há uma sensação muito grande de liberdade, de natureza, e por que não dividir isso com outras pessoas, mesmo desconhecidas, que se sentem da mesma forma?”.

E aí reside uma concepção muito comum ao senso comum: a de que a natureza é sempre boa, suave e saudável. Havia algumas pessoas que portavam uma pulseira, promocional da praia, na qual era bem legível: 100% natural. Mas se fosse tudo natural, não haveria problema algum com ereções explícitas, masturbações, ou seja, qualquer ato sexual ostensivo e público, além das atividades fisiológicas que devem ser feitas junto ao vaso sanitário. O ideal romântico de recuperar nosso estado de natureza perdido, se levado à sério, implica em significativas dificuldades sociais. Mas isso é como o senso comum se expressa: de modo geralmente confuso e equivocado. Assim acaba se falando muita coisa contraditória e, no final das contas, sem sentido; ou somente com o sentido que serve a determinados interesses, os quais menos prezam pela verdade do que pela preservação de seus domínios de ação e poder.

Mas quero encerrar este artigo, ressaltando o que percebi de saudável na prática naturista. Uma prática em que, dentro dos limites os quais pude vivenciar, as pessoas são amiúde levadas a exercitar o respeito, a delicadeza, a tolerância com diferenças corporais, podendo aceitar e acolher uma dimensão tão repleta de traumas: a da nossa imagem corporal. Esta que, muitas vezes, gera diversas representações importantes para nossa própria auto-imagem. Finalizo, deixando bem claro que o naturismo foi uma experiência da qual não me esqueço e que me fez muito bem. Recomendo a todos que tenham curiosidade ou desejo de praticá-lo.

Observações de Arthur Virmond de Lacerda Neto, nos comentários à postagem que reproduzi acima, em 11.2.2017:

Desde moço recusava sentido na ocultação da genitália e das mamas, que já então, reputava partes decorosas e imerecedoras de qualquer estigma. A leitura, em 2013, de "História do pudor", de J.B. Bologne, persuadiu-me ainda mais disto; a partir de então, passei a andar nu em casa (em que 2 outras pessoas residem comigo. Sou o dono da casa e eles são-me estranhos, ou seja, não me são familiares) e produzi vários artigos sobre nudez natural, que postei no meu blogue e que tem dezenas de acessos, diariamente: a nudez natural interessa a muitos brasileiros.

A herança cristã, somatofóbica (recusa do corpo) e especialmente gimnofóbica (recusa da nudez) e pudica (envergonhadora da nudez, notadamente da genitália e das mamas) inculcou, nos brasileiros, o pudor, diferentemente da cultura do corpo livre ou nudismo, inveterada nos costumes europeus há décadas e gerações (na Alemanha, Austria, Inglaterra, Portugal, Espanha, Grécia, Dinamarca, Croácia; em parte dos E.U.A.): lá, desapareceu, a vergonha do corpo e o estigma relativo à genitália e às mamas que, de partes problemáticas, tornaram-se partes indiferentes, exponíveis (tema sensível para os brasileiros) para crianças (a hipocrisia ou o senso comum brasileiro preocupam-se com poupar as crianças da visão do pinto e do bico do seio). A Europa ex-cristã ou pós-cristã substituiu a moral de matriz cristã pela moral de matriz humanista, em que o corpo é visto com naturalidade e a nudez com inocência.

No naturismo, valoriza-se a dissociação entre nudez e sexualidade; frisa-se que a nudez não é necessariamente sexual e realmente não o é. É próprio do etos brasileiro combinar um ao outro, como se fossem inerentes, ao passo que o nudismo esforça-se pela sua dissociação que pode ser um pouco hipócrita, sentido em que as suas observações fazem sentido, em termos: para quem provém de meio vestido e é neófito no meio nudista, a novidade de observar nus e de estar em meio a nus pode suscitar mais atração sexual do que quem já está acostumado. Seja como for, a libido não desaparece; as pessoas são sexuais, vestidas ou despidas. O que os nudistas exprimem é que a nudez sexual é destituída de fins libidinosos; não se está nu para praticar sexo.

Ao mesmo tempo, há tabus no meio nudista, sobretudo o da ereção: lá, ela é "pecaminosa" e o falo ereto deve ser encoberto e a ereção dissimulada, o que julgo contraditório com a exaltação do natural pregado pelos nudistas. Considero que a ereção não deve ser ostentada, porém não é necessário ocultá-la nem pejar-se dela: na Europa é assim; na Alemanha nudista, ninguém liga à ereção alheia, diferentemente do nudismo brasileiro, em que é de rigor a disfarçá-la, o que me parece implicar vestígio de mentalidade pudica no próprio meio nudista (brasileiro). (Travei polêmicas extensíssimas acerca disto. É sintomático que postagem minha, em que afirmo a naturalidade da ereção recebeu dezenas de "curtidas" em comunidade nudista portuguesa, ao passo que, em comunidade nudista brasileira, escassas e polêmica com um nudista velhote curitibano, que se enfureceu em nome da família tradicional.

Por falar em família tradicional, a exigência de homens comparecerem acompanhados destina-se, na lógica de certos nudistas, a assegurar que eles não freqüentem tais meios com intuito de encontrar parceiras sexuais, de não cobiçar a mulher alheia. Nesta lógica, homem acompanhado já está servido sexualmente; dentro dela, o solteiro, por definição, é culpado de cobiçar a mulher alheia. Em parte, faz sentido; também faz sentido pensar em que, na mentalidade machista dos brasileiros, a exigência de homem estar acompanhado deve-se, em parte, a que os próprios nudistas são ciumentos das suas mulheres e desejam evitar que os outros homens, estando acompanhados, observem-nas com interesse. Suspeito de que nisto, há alguma ou muita hipocrisia: dificilmente os homens nudistas confessariam que a exigência de homem comparecer acompanhado racionaliza-lhes o ciúme; eu disse isto mesmo na tal polêmica, o que provocou acrescida indignação no meu oponente.

Nem todo ambiente nudista exige que homem lhe compareça acompanhado, exigência que considero estapafúrdia: o solteiro pode contratar uma prostituta para posar de acompanhado; o jovem nudista, que freqüentou em criança ou adolescente, fica impedido de freqüentar enquanto não tiver namorada ou enquanto não arranjar alguém que o acompanhe; o viúvo, o divorciado e o padre também e eu próprio. É como se todo avulso fosse, por definição, culpado de segundas intenções. Nos anos de 1910 e 20, tal exigência foi imposta em alguns centros nudistas europeus, foi muito discutida (não era consensual) e abandonada na sua maioria (se não estou em erro).

Dito tudo isto, gostaria de que explicitasse os pontos de senso comum contraditório que observou no meio nudista, quando o freqüentou.

Postagem de Arthur Virmond de Lacerda Neto, em 9.2.2017, no Facebook.

DE CERCA DE 200 POSTAGENS NO MEU BLOGUE, OS RELATIVOS À NUDEZ NATURAL são os campeões de leituras, desde fevereiro de 2014.

Ouso asseverar que eles estão produzindo câmbio de mentalidades. A pouco e pouco, os brasileiros estão abandonando a vergonha do corpo, à exceção (só podia ser) dos evangélicos; a pouco e pouco, vai-se repondo a mentalidade greco-romana e a cultura do corpo livre (livre de tabus).

Fotógrafos que vem produzindo álbuns de nudez natural;

houve nudistas em público em várias cidades e até um casal de evangelistas nus na rua (situações excepcionais, reconheço);

o Tribunal de Justiça de SP descriminalizou, por decisão, a exposição das mamas em público, em 2015;

Clarice Falcão produziu clipe com nudez de genitálias, em 2016;

no teatro brasileiro (e não só) a nudez total é correntia;

em 9.2.2017 o programa "Amor & Sexo" da rede Globo exibiu a famosa "nudez frontal masculina". São sinais dos tempos.

Artigos sobre tudo isto (nudez natural; exposição do bico do seio admitida pelo TJ de SP, análise do clipe de Clarice Falcão e muito mais):

[segue o endereço eletrônico deste blogue].